

SIMPÓSIO AT011

AS MICRO-NARRATIVAS DO HIV E AS VIDAS PRECÁRIAS

BUTTURI JUNIOR, Atilio
Universidade Federal de Santa Catarina
atilio.butturi@ufsc.br

Resumo: Neste trabalho, parto da biopolítica para analisar as micro-narrativas das pessoas que vivem com hiv, materializadas em postagens do Projeto The Aids Memorial na rede social Instagram, no período compreendido entre março e maio de 2019. Inicialmente, volto-me para a descrição do dispositivo da aids e do dispositivo crônico da aids, produzido segundo enunciados e práticas de precarização da vida e de cisão entre modalidades de vida, relacionados à medicalização, à bioascese e aos racismos indiretos. Dessa perspectiva, adiante, analiso as postagens do Projeto The Aids Memorial, que acabam por estabelecer a possibilidade de pensar em formas de vida, numa economia político-discursiva cotidiana de assunção positiva (em sua ambiguidade) das pessoas que vivem e viviam com hiv, dando visibilidade e voz ao sujeitos que, no limite da morte, colocaram-se na cena pública em atos de resistência e de produção de outras memórias sobre a aids e o hiv.

Palavras-chave: Biopolítica; hiv/aids; memória discursiva.

Abstract: In this study, from the standpoint of biopolitics, I analyze the micro-narratives of people living with HIV – micro-narratives instantiated in posts on the Aids Memorial Project on the social network Instagram, in the period from March 2019 to May 2019. Initially, I turn to the description of the AIDS apparatus and the chronic AIDS apparatus – an apparatus produced according to statements and practices of destabilization of life and splitting among modalities of life, related to medicalization, bio-asceticism and indirect racism. From this perspective, going forward, I analyze the postings of The Aids Memorial Project, which eventually establish the possibility of thinking in terms of the forms of life, in an everyday, political-discursive economy of positive assumptions (in its ambiguity) about people living and who lived with HIV, giving visibility and a voice to subjects who, close to death, put themselves on public display in acts of resistance and production of other memories about AIDS and HIV.

Keywords: biopolitics; hiv/aids; discursive memory.

Introdução

Artières (2004), ao se voltar para os discursos sobre a aids, indica que nas memórias de luta daqueles tomados como perversos e anormais: ali reside um saber e uma prática de resistência. Assim, recuperar o direito à memória e

produzir memórias a partir de corpos e vozes silenciados seria uma modalidade de se investir contra o poder, agonisticamente.

É a partir da memória como espaço de criação e de tensionamento que se inscreve este trabalho, que toma como objeto de análise três postagens do *Projeto The Aids Memorial*, publicadas no Instagram entre março e maio de 2019. Para as análises, metodologicamente, parte-se das discussões sobre biopolítica e governamentalidade de Michel Foucault e de algumas de suas releituras contemporâneas, além dos conceitos de dispositivo da aids e de dispositivo crônico da aids, forjados em outros trabalhos de minha autoria (BUTTURI JUNIOR, 2016), baseados no estudo fulcral de Perlonguer (1987).

O texto organiza-se da seguinte maneira: na primeira seção, apresento em linhas gerais os debates teóricos, fazendo uma descrição sucinta do dispositivo da aids; na segunda, apresento o *Projeto The Aids Memorial* e, em seguida, empreendo algumas análises, não exaustivas, das imagens.

1. A biopolítica, o governo e o dispositivo crônico da aids

Nesta discussão, parto de dois conceitos: o primeiro, de dispositivo, que aqui compreendo, com Foucault (2009) como um conjunto heterogêneo de elementos discursivos e não-discursivos, caracterizados por se relacionarem de formas diversas e responderem a determinadas urgências históricas.

O segundo conceito é o de biopolítica. Com Foucault (2010), me interessa pensar a biopolítica naquilo que aponta: i) a cisão entre modalidades de vida; ii) a racialização de certas modalidades de vida; iii) o problema da vida natural que invade a cena política e dá margem para a relação entre estratégias para o corpo individual e o corpo social; iv) a materialização da biopolítica em dispositivos de governo pela vida e, por conseguinte, em discursos racializante.

À leitura de Foucault, aqui, gostaria de aproximar: a de Mbembe (2018), para quem as relações coloniais e raciais extrapolam o “fazer viver” e são

marcadas pelo terror e pelo extermínio, a que o camaronês chama de *necropolítica*; a de “vida precária”, de Butler (2010), que relaciona de modo preciso a cisão entre vidas e leva em conta, para tanto (além de outros discursos), as tecnologias e os discursos de gênero.

Os dispositivos e a biopolítica, então, fazem as vezes de modelo explicativo para o que tenho chamado de dispositivo crônico da aids (BUTTURI JUNIOR, 2016; BUTTURI JUNIOR; LARA, 2018). Como se sabe, o acontecimento da aids no Ocidente produziu uma série de discursos e práticas de exclusão, além de políticas biopolíticas de medicalização dos corpos doentes. A população inicialmente alvo dessas políticas era composta de homossexuais masculinos e usuários de drogas injetáveis, que ombreavam com outras modalidades de sujeito racializados: os hemofílicos, as prostitutas e os haitianos.

Nessa narrativa, tanto os discursos médicos quanto os midiáticos produziram efeitos e uma memória potente (PATTON, 1991; BUTTURI JUNIOR, 2016.). Treichler (1987) faz notar que a aids aparece na modalidade de uma doença que pela primeira vez cinde o limite natural e se torna um objeto de discurso e de pânico: uma epidemia discursiva. A essa rede de tecnologias de racialização e de morte tenho reservado o conceito de dispositivo da aids. Trata-se, com o trabalho percussor de Perlonguer (1987), de pensar a epidemia inicial como conjunto estratégico que contenção e exclusão dos “prazeres perversos”. Sobretudo baseada na responsabilização dos sujeitos e na criação de pânicos morais, considero, ainda, que esse dispositivo baseava-se num modelo necropolítico (MBEMBE, 2018): um terror que se voltava para certos grupos, notadamente as sexualidade não-normativas. Isso significa que o dispositivo da aids colocava em funcionamento uma cisão entre as vidas baseada nas práticas afetivas e sexuais e, a partir daí, estabelecia a possibilidade de matar: porque perigosos, porque promíscuos.

Essa trajetória de assassinio em massa de certas populações – que, a partir dos anos noventa do século XX, incluiu o continente africano e a

“heterossexualização” econômico-social da epidemia – foi deslocada em suas estratégias quando surgiu a chamada Terapia Anti-Retroviral (TARV), devidamente inscrita no discurso como “o coquetel”. Espécie de mito tecnopolítico, o conjunto de fármacos da TARV permitiu não apenas inverter a relação vida e morte que se instaurava, mas teve por efeito: i) inventar a cronicidade; ii) invisibilizar os soropositivos; iii) exigir a ascese e o controle biomédicos totais, sob pena de responsabilização – no limite, criminal – dos sujeitos que, agora, vivem com hiv (BUTTURI JUNIOR, 2016).

Nesse dispositivo crônico da aids, entretanto, permanecem em jogo os enunciados racializante. Viver com hiv, como apontam Butturi Junior (2016), Valderrama (2000) ou Squire (2013) é ainda da ordem da biopolítica: por um lado, nas relações de controle médico-farmacológico-estatais; por outro, na permanência de uma memória obsedante de perversidade. É nessa agonística no limite da vida que aparece o objeto deste trabalho, o *The Aids Memorial*.

2. Um problema de memória

Foucault (2015), vai descrever a vida daqueles que chama de “infames”. Narrativas mínimas de sujeitos encarcerados, de loucos, de assassinos, de perversos. Para ele, naquelas *lettres de cachet* (os documentos jurídicos do século XVIII), apareciam os relatos jurídicos, mas, ainda, uma resistência escritural. Em sua “pura existência verbal” (FOUCAULT, 2015, p.205), os corpos eram marcados pelo dispositivo revelavam, da infâmia a que estavam sujeitos, uma forma de liberdade.

O hiv, como afirmei até aqui, aparece como vírus e como inscrição de infâmia: corpos e subjetividades precarizados e racializados passam a existir na cena pública espetacularizada e constituem parte do dispositivo da aids. Gostaria de tomar para análise outro projeto, cuja memória também figura no nome: *The Aids Memorial* (2019) surgido em 2016 e que tem como materialidade de inscrição principal o Instagram (<https://www.instagram.com/theaidsmemorial>). Holgate (2018) assim descreve a criação da conta: Stuart, escocês cuja identidade permanece desconhecida,

criou a página em abril de 2016. As pessoas poderiam enviar e-mails com fotos e depoimentos para lembrar daqueles que amaram e que foram vitimados pela aids em “the narratives only to fit into the character limit on a post”. A página, atualmente, tem mais de 5.459 posts e mais de 93.600 seguidores. Trago como recorte três imagens. Não pretendo, dada a exiguidade de espaço, ser exaustivo:



Imagem 1: My mom
Fonte: The Aids Memorial (2019)



Imagem 2: Ken Ramsauer
Fonte: The Aids Memorial (2019)



Imagem 3: Hector Xtravaganza
Fonte: The Aids Memorial (2019)

Nas três imagens, duas formas de capturar os corpos soropositivos estão diante de nós: entre a imagem 1 e a 3, aparece a imagem 2, de Ken Ramsauer. Aqui, cabe destacar duas modalidades enunciativas que o *The Aids Memorial* materializa: por um lado, a ressignificação das vidas e dos sujeitos soropositivos a partir da normalidade, do cotidiano, das relações afetivas mais prosaicas: amizade, amor, saudade; por outro, a reprodução de imagens espetaculares do dispositivo da aids, como na imagem 3. Destaco que essas imagens, no período pesquisado, são exíguas – Ramsauer é o único corpo marcado pela aids. No entanto, ele aparece para destacar os discursos racializante: foi o primeiro soropositivo a ir no programa de Geraldo Rivera, extremamente popular e “escandaloso”.

No *Memorial*, os corpos rivalizam: tanto a mãe heterossexual que não chegou a conhecer a cronicidade, até uma figura como Hector Xtravaganza tem seu espaço. Novamente, a inversão é o que mais interessa: Xtravaganza, gay latino e vulnerável, “fundador da casa Xtravaganza e ícone da cultura gay nova-iorquina é aquele que sobreviveu, aquele que ultrapassou os limites da matabilidade na ascense da TARV. Suas imagens contrasta e é justamente na manutenção da vida em sua plenitude que essa memória se produz: daquele que foi “a role model to many”, como aponta a descrição.

Muito próximo dele, é uma mulher heterossexual a que sucumbiu ao estigma racializador (figura 1): “[...] she lost her life at 42 years old to HIV because she just couldn't face it and ignored it until it took her. Her own internalised stigma stopped her watch her family grow”. Com seu filho – aquele que dá o depoimento – no colo, ela novamente solicita uma outra história, uma outra narrativa que não a do escândalo.

Numa espécie de micro-narrativas das vidas infames e precarizadas, como nas *lettres de cachet*, uma imagem e uma outra voz, nos três recortes, solicitam outros enunciados de memória, que não o da doença e do estigma. Essa vidas mínimas e suas narrativas reduzida insistem justamente em dizer sobre estar vivo, sobre ter vivido: existências plenas, não cindidas pelo biopoder, que resistem ao terror, ao espetáculo e, no limite, à morte.

Considerações Finais

Neste breve texto, pretendi analisar algumas postagens do *The Aids Memorial*, na intenção de relacionar memória, biopolítica e racialização.

Para tanto, inicialmente descrevi os conceitos de dispositivo, de biopolítica e o dispositivo da aids. Adiante, voltei-me para o corpus e propus a ressignificação da memória como efeito da luta discursiva diante da infâmia e da precarização de certas modalidades de vida.

Por fim, cabe apontar que, ao que parece, o dispositivo da aids e o dispositivo crônico da aids são objetos importantes para, no mundo contemporâneo, observar o funcionamento dos discursos pautados no governo da vida e suas táticas necropolíticas.

Referências

ARTIÈRES, P. Archives em danger: les archives des associations de luttes contre le sida. **La Gazette des Archives**, Nantes, n. 194, p.106-116, 2004.

BUTLER, J. **Quadros de guerra**: quando a vida é passível de luto. 2.ed. Trad. Sérgio Lamarão e Arnaldo Marque da Cunha. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

BUTTURI JUNIOR, A. As formas de subjetividade e o dispositivo da aids no Brasil contemporâneo: disciplinas, biopolítica e phármakon. In: AQUINO, I. C. et. al (Org). **Língua, literatura, cultura e identidade: entrelaçando conceitos**. Passo Fundo: UPF, 2016. p.59-78.

FOUCAULT, M. A vida dos homens infames. In: _____. **Ditos e escritos: estratégia, poder-saber**. 3.ed. Trad. Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense, 2015. p.199-217.

FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade** - curso no Collège de France, 1975-1976. Trad. Maria Ermantina Galvão. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 19.ed. Trad. Maria Thereza Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2009.

MBEMBE, A. **Necropolítica**: biopolítica, soberania, estado de exceção, política da morte. Trad. renata Santini. São Paulo: n-1 Editores, 2018.

PATTON, C. **Inventing aids**. Londres: Routledge, 1991.

PERLONGHER, N. **O que é AIDS**. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

SQUIRE, C. **Living with HIV and ARVs: three-letter Lives**. Londres: Palgrave Macmillan, 2013.

THE AIDS Memorial Quilt. **About**. Disponível em: <https://www.aidsquilt.org/about/the-aids-memorial-quilt>. Acesso em: 20 fev. 2019.

TREICHLER, P. A. **AIDS, Homophobia, and biomedical discourse**: an epidemic of signification. The MIT Press, v.47, 1987.